

ANAIS DO II SEMINÁRIO NACIONAL CINEMA EM PERSPECTIVA

Volume 1, Número 1. Curitiba: UNESPAR/FAP, 2013.

ISSN 2317-8930

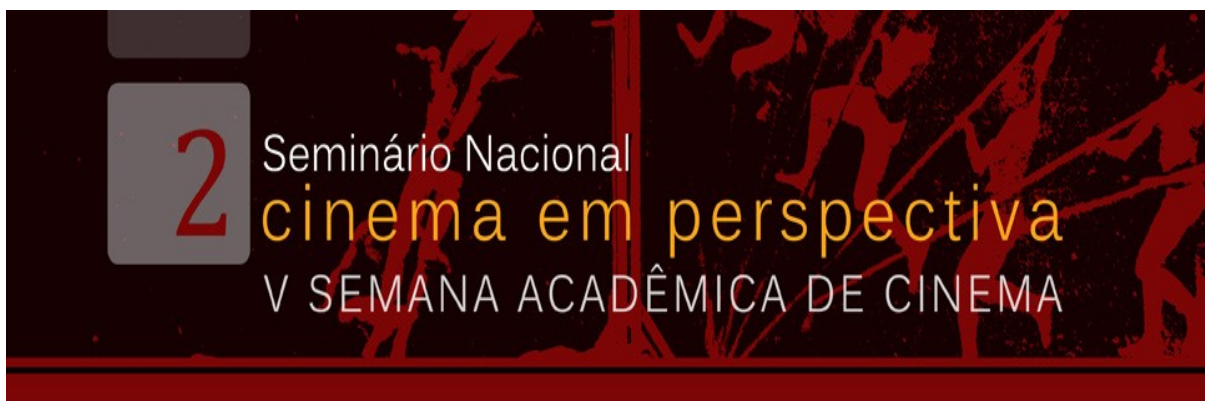
O ESPETÁCULO DO PRIMEIRO CINEMA: AS PRIMEIRAS EXPERIMENTAÇÕES DO CINEMA DE ATRAÇÕES SOB O OLHAR DO CINEMA CONTEMPORÂNEO

OGIBOSKI, Loana¹

RESUMO: O surgimento do cinema no final do século XIX marcou o início de uma era da predominância da imagem. Muitos teóricos denominam os filmes produzidos nos primeiros anos do cinema como “teatro filmado”, em razão ao sistema de representação desse período, que deriva especialmente das formas populares de cultura da Idade Média e não tanto das formas artísticas mais eruditas como teatro, ópera ou literatura dos séculos XVIII e XIX. Entre tantos filmes pertencentes a esta categoria está o filme *Ben Hur* (1907), dirigido por Sidney Olcott, adaptado da obra literária de Lewis Wallace (1880) e, produzido justamente no período conhecido como “Primeiro Cinema”. Este trabalho tem por objetivo desenvolver uma análise a respeito do processo criativo de montagem da primeira versão filmica da obra, refletindo sobre as limitações do cinema do início do Século XX em contraponto ao cinema contemporâneo, ressaltando a importância desses primeiros experimentos para as tecnologias da atualidade. Para tanto, utilizam-se os conceitos teóricos de Arlindo Machado e Ismail Xavier, além das contribuições da pesquisadora Flávia Cesarino Costa.

PALAVRAS-CHAVE: Primeiro Cinema – História. Cinema estadunidense. *Ben Hur* – Filme. Cinema mudo.

¹ Graduada em Comunicação Social (Jornalismo) e Direito pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná. Email: loana_2000@ymail.com.



ANAIS DO II SEMINÁRIO NACIONAL CINEMA EM PERSPECTIVA

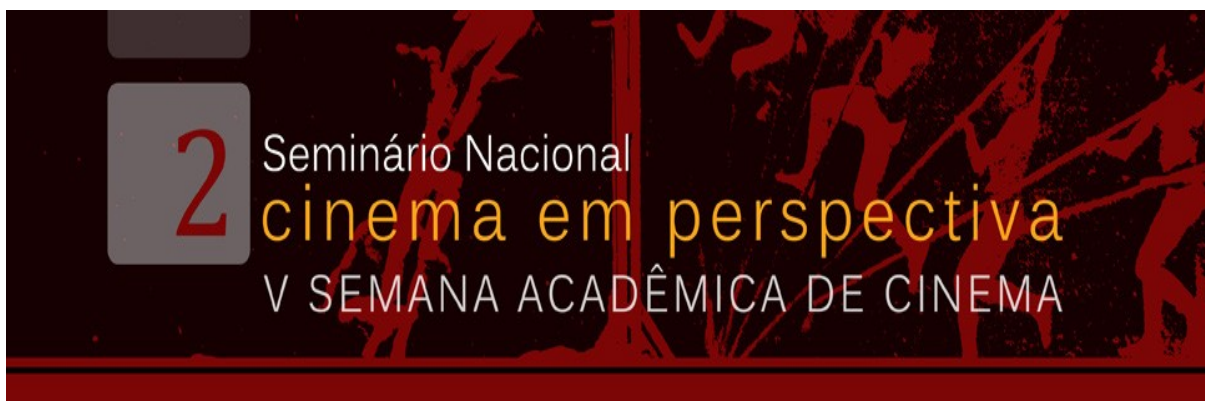
Volume 1, Número 1. Curitiba: UNESPAR/FAP, 2013.

ISSN 2317-8930

Em seus mais de cem anos de existência o cinema já passou por inúmeras transformações técnicas, estéticas, ideológicas, entre outras, e cada uma dessas mudanças correspondeu a uma maneira diferente de se fazer e pensar cinema. O cinema, essa nova expressão de arte, aconteceu justamente na época que o mundo mudou por completo, em plena vigência de uma cultura racionalista e de crença nas vantagens da modernidade.

Num curto espaço de tempo, entre 1850 e 1900, aconteceram os maiores desenvolvimentos técnicos e científicos: o aço substituiu o ferro, a energia elétrica o vapor, e iniciou-se o desenvolvimento das máquinas automatizadas e dos transportes e comunicações. A descoberta da eletricidade certamente transformou as percepções e a invenção de aparelhos ligados à captação e recriação de imagens em movimento também foram importantes para a modernidade. O surgimento do cinema no final do século XIX marcou o início de uma era da predominância da imagem.

Em seu ensaio *A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica* o teórico Walter Benjamin (1987) discorre sobre a possibilidade de replicar a produção intelectual e artística por diversos meios. Segundo o autor, toda obra de arte pode ser reproduzida, o que possibilita às atuais gerações uma releitura de obras clássicas. A teoria de Benjamin pode ser aplicada à obra *Ben Hur* de Lewis Wallace, um clássico da literatura, que foi adaptada para a versão fílmica três vezes, teve uma versão digital para a televisão e também inspirou peças de teatro, desenhos animados, entre muitas outras produções. Este artigo fará uma análise da primeira adaptação fílmica da obra, lançada em 1907, sob o olhar de estudiosos como Ismail Xavier, Arlindo Machado e Flávia Costa, no intuito de refletir sobre essa primeira fase do cinema, conhecido como “Primeiro Cinema” - tão marcado pela experimentação, improvisação e pela falta de narratividade. O primeiro cinema compreende os filmes produzidos no período



ANAIS DO II SEMINÁRIO NACIONAL CINEMA EM PERSPECTIVA

Volume 1, Número 1. Curitiba: UNESPAR/FAP, 2013.

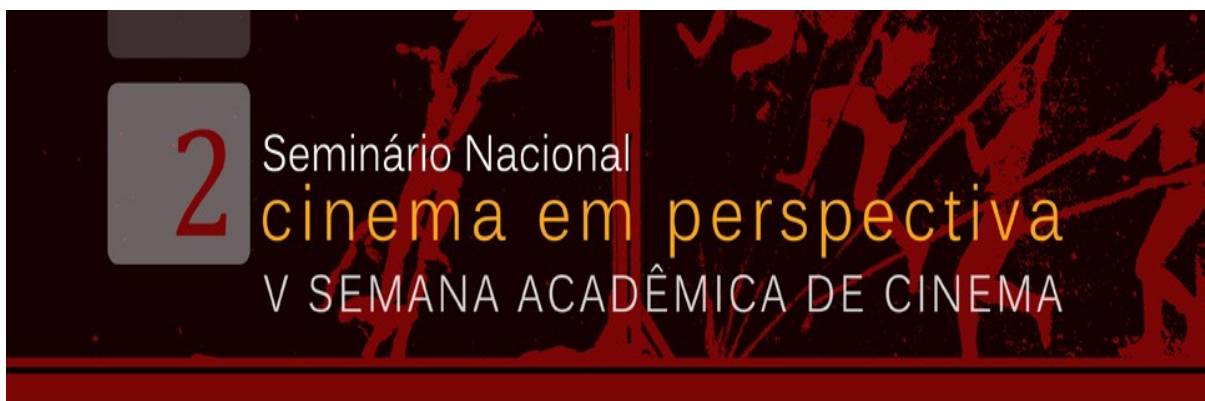
ISSN 2317-8930

compreendido entre 1894 e 1908 e que apresentam características comuns em termos de produção e exibição dos filmes. Também conhecido como “cinema de atrações”, as produções do início da era do cinema ainda possuem uma segunda fase, posterior a 1908 e que se estende até 1915, período em que começam a surgir as primeiras formas de narratividade do cinema.

O primeiro cinema é, sobretudo, um processo de transformação – transformação que é visível na evolução técnica dos aparelhos e na qualidade das películas, na rápida transição de uma atividade artesanal e quase circense para uma estrutura industrial de produção e consumo, na incorporação de parcelas crescentes do público. (COSTA, 2005, p. 35)

É notório que o cinema do início do século XX tinha suas limitações, contudo, guardava em seu cerne características visualizadas hoje no cinema contemporâneo. Para analisar essa adaptação do livro homônimo *Ben Hur*, não podemos deixar de lembrar que o cinema nos seus primeiros anos encontrou um mundo bem diferente do que experimentamos atualmente, e mais, era também bastante diferente daquele cinema que apenas vinte anos depois já tinha características do cinema que conhecemos hoje, ressaltando os avanços tecnológicos.

No início, o cinema era uma atividade artesanal e aparecia junto e misturado com outras formas de diversões populares como feiras de atrações, circos e espetáculos de magia. Flávia Cesarino Costa, estudiosa dessa primeira fase do cinema, diz que “as primeiras imagens fotográficas em movimento surgiram, assim, num contexto totalmente diferente das salas escuras, limpas e comportadas em que os cinemas se transformariam depois” (COSTA, 2008, p. 17). Costa é também defensora do que Emmanuelle Toulet chamava de cinema das



ANAIS DO II SEMINÁRIO NACIONAL CINEMA EM PERSPECTIVA

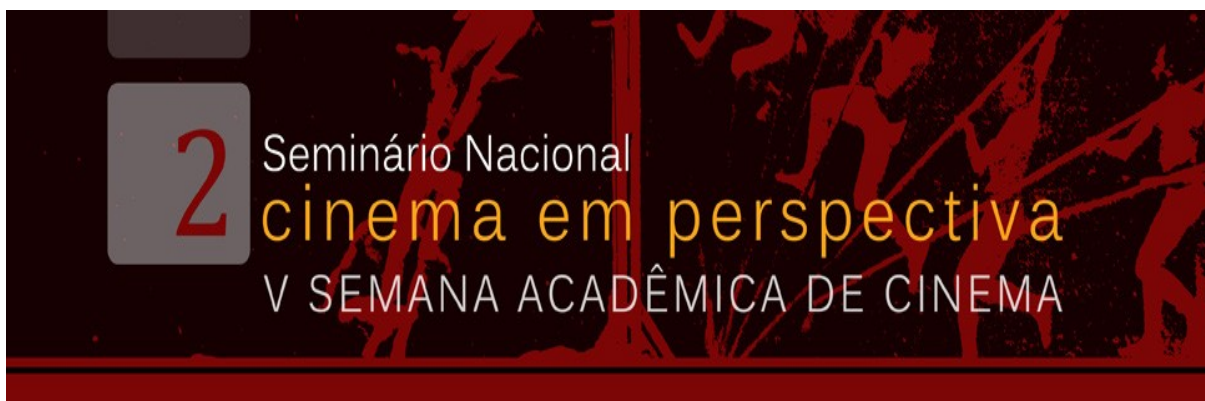
Volume 1, Número 1. Curitiba: UNESPAR/FAP, 2013.

ISSN 2317-8930

atrações, se referindo a esse primeiro cinema que de certa maneira era usado, em sua maioria, como uma técnica meramente auxiliar, para incrementar as atrações das feiras, bastante comuns no início do século. Aliás, essas feiras eram os espaços que as indústrias (fabricantes, comerciantes e cientistas) tinham para mostrar ao mundo seus novos produtos, serviços e invenções. Daí a importância dessas exposições para a própria história do cinema uma vez que corporificam o habitat cultural e social desse primeiro cinema. “O cinema era então uma das atrações entre tantas oferecidas pelos *vaudevilles*, mas nunca uma atração exclusiva, nem mesmo a principal.” (MACHADO, 2011, p. 75).

Os primeiros filmes, portanto, tinham herdado essa característica de serem atrações autônomas, que se encaixavam facilmente nas mais diferentes programações. Os filmes, em sua ampla maioria feitos em uma única tomada, eram pouco integrados a uma eventual cadeia narrativa.” (COSTA, 2005, p. 43).

Além das feiras, temos que levar em consideração as especificidades da maneira pela qual esse primeiro cinema era exibido. No início os filmes eram exibidos em feiras, circos, teatros de ilusionismo, parques de diversões, cafés e em todos os lugares onde houvesse espetáculos de variedades (COSTA, 2008, p. 40) e mais tarde em *vaudevilles* que, de acordo Flávia Costa, tinham surgido a partir de teatros de variedades e tinham uma conotação exclusivamente erótica, funcionando anexo aos chamados “salões de curiosidades”, onde eram exibidas coisas como mulheres barbadas, anões e outras aberrações. Quando foram criados, os *vaudevilles* eram frequentados basicamente por um público masculino de classe baixa, onde eram servidas bebidas alcoólicas e local onde esse público buscava diversão muito além do que podia ser conferido nas telas. “Quando num primeiro momento, a venda de álcool era ainda tolerada nesses locais e a prostituição florescia ao seu redor, não era difícil



ANAIS DO II SEMINÁRIO NACIONAL CINEMA EM PERSPECTIVA

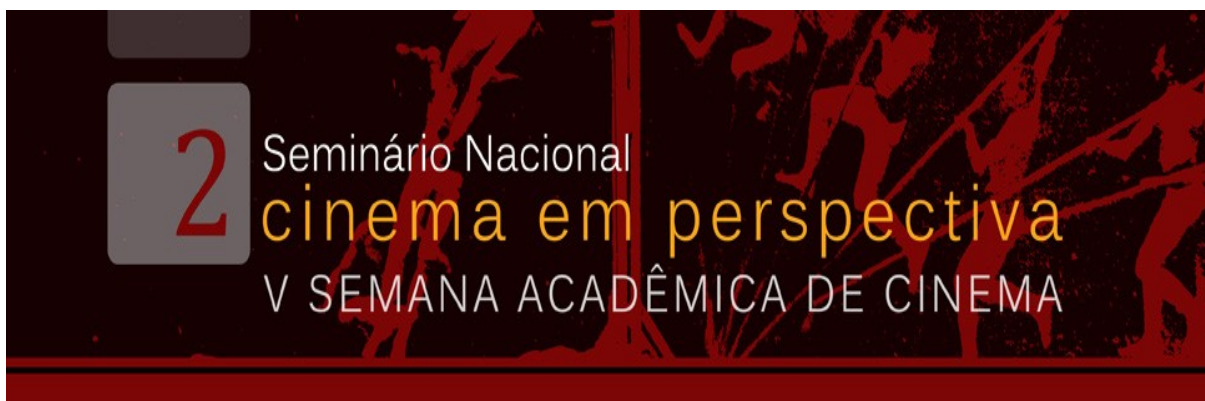
Volume 1, Número 1. Curitiba: UNESPAR/FAP, 2013.

ISSN 2317-8930

que uma visita a uma dessas casas se transformasse em uma bebedeira, quebra-quebra ou aventura sexual.” (MACHADO, 2011, p. 74). Especificamente no período que estamos tratando nesse artigo, o do primeiro cinema, os *vaudevilles* já começam a mostrar uma transformação: já não havia venda de bebidas e o ambiente, um pouco mais refinado, começava atrair uma audiência familiar.

A primeira adaptação de *Ben Hur*², em 1907, dirigida por Sidney Olcott e roteirizado por Gene Gaultier estava no limiar do que Flávia Costa chama de primeiro cinema, assim definido por ela como sendo aquele realizado entre 1894 e 1908, mesmo porque, naquela época, o cinema já começava a ter sua linguagem própria. Filme de apenas 12 minutos, *Ben Hur* conseguiu reproduzir na tela a história contada por Lewis Wallace. *Ben Hur* é conto de ficção passado nos tempos de Cristo e contado sob o ponto de vista de dele. Judah Ben Hur é um rico príncipe judeu que teve como amigo de infância um romano chamado Messala. Depois de adultos eles se encontram na Judeia da infância, só que agora Messala é soldado romano. Um acidente faz com que Messala mande prender Ben Hur e sua família. Hur vai para as galés como escravo, onde conhece o governador Quintus Arrius, que comandava aquele navio, e acaba por salvar a vida dele depois de uma batalha naval. Como gratidão o governador adota Ben Hur como filho, tornando-o cidadão romano. Como romano faz tudo para encontrar sua família. É Messala quem tenta encontrar a mãe e irmã de Ben Hur quando

² Adaptação da obra de Lewis Wallace *Ben Hur – Romance dos tempos de Jesus Cristo*, de 1880. O filme foi lançado em 1907 pela Kalem Studios Motion Picture Patents. Direção do canadense Sidney Olcott, roteiro de Gene Gaultier e teve como elenco principal William S. Hart e Herman Rottger. Preto e branco e mudo.



ANAIS DO II SEMINÁRIO NACIONAL CINEMA EM PERSPECTIVA

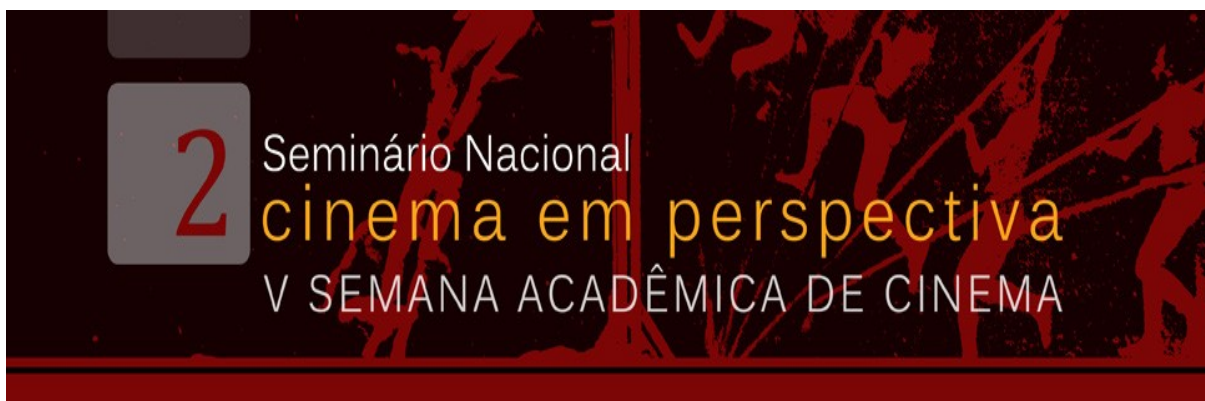
Volume 1, Número 1. Curitiba: UNESPAR/FAP, 2013.

ISSN 2317-8930

recebe a notícia que elas estão com lepra. Elas mesmas pedem para que digam a Hur que estão mortas e seguem para o Vale dos Leprosos. Nesse interim Hur conhece um comerciante árabe de cavalos que o convida para participar de uma corrida de quadrigas, na famosa competição romana. A princípio não aceita, mas quando sabe da morte da mãe e irmã resolve competir ainda mais quando descobre que Messala também vai participar da corrida. Ben Hur vence, sua mãe e irmã são curadas da lepra e o livro termina com ele a sua família se dedicando ao Cristianismo.

Deixando de lado a história de Jesus Cristo; a batalha nas galés onde Ben Hur salva um romano e é adotado por ele (todas essas ações são explicadas por um intertítulo apenas), a versão de 1907 começa com a chegada do imperador na Judeia; depois vem o acidente que leva Ben Hur e sua família à prisão; segue mostrando a chegada dele em Roma como filho de Quintus Arrius e finalmente a corrida de quadrigas, cuja sequência dura três minutos e 51 segundos dos 12 minutos do filme todo. Em todas as cenas podemos perceber que a câmera está parada e que as ações acontecem em frente a ela. Ao todo, o filme tem oito cenas apenas.

Nessa primeira fase do cinema o plano de filmagem era fixo e único, não haviam movimentos de panorâmica para acompanhar os atores por isso os quadros de filmagens (cenários) eram bem delimitados, como se estivessem justificando porque a câmera não podia acompanhar o movimento do protagonista e figurantes que deixavam seus lugares quando saiam de cena. O canadense Sidney Olcott, diretor do filme, que estava ingressando como diretor de cinema depois de ter iniciado sua carreira como ator, deixou ainda sua experiência como ator influenciar a produção de *Ben Hur*, onde havia ainda muitas das características do teatro, uma vez que o cinema era ainda uma linguagem que estava começando a ganhar espaço e reconhecimento.



ANAIS DO II SEMINÁRIO NACIONAL CINEMA EM PERSPECTIVA

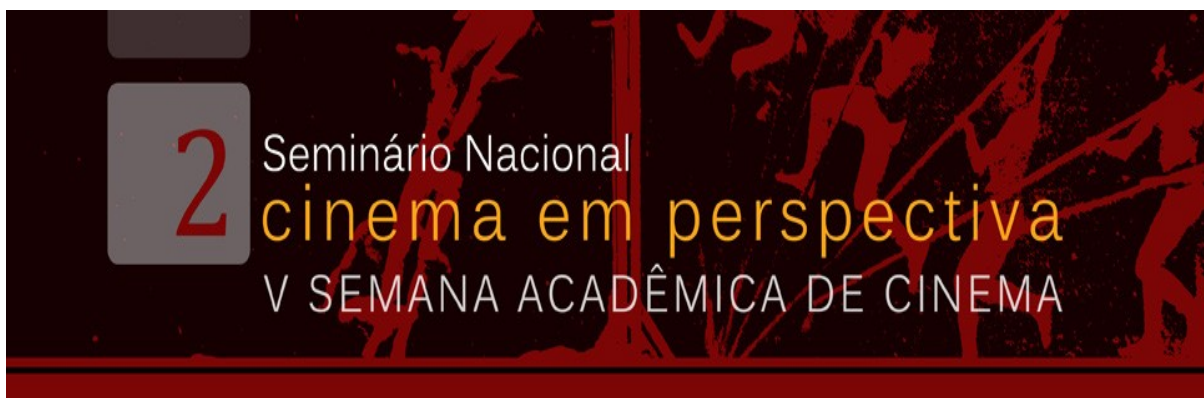
Volume 1, Número 1. Curitiba: UNESPAR/FAP, 2013.

ISSN 2317-8930

Na primeira metade do filme parece que estamos diante de uma peça de teatro, onde tudo parece cronometricamente ensaiado, mas a versão filmica de 1907 termina mostrando a famosa corrida de quadrigas, eternizada na versão de 1959, com Charlton Heston. Aliás, no primeiro cinema não havia ainda a concepção de *star system*³, preconizada em Hollywood anos mais tarde. A velocidade com que as quadrigas passam em frente à câmera já demonstra uma preocupação do diretor em fazer um cinema mais profissional, deixando de lado a experimentação, também uma das características dessa primeira fase do cinema. Doze anos antes, um trem hipnotizou e assustou os espectadores dos irmãos Lumière. Agora, os cavalos estavam correndo em alta velocidade em frente à câmera. Além da ousadia da cena, a produção do filme já demonstrava uma preocupação que seria pontual e imprescindível nos filmes que seriam produzidos no futuro: a montagem. A corrida de quadrigas foi toda rodada em uma praia de New Jersey tendo bombeiros como atores fazendo papel dos cavaleiros e tendo carros puxando as quadrigas, mas todos esses detalhes da produção da cena estão “invisíveis” aos olhos do público.

A ligação do cinema – em seus primeiros anos de exibição – com o teatro era bastante extensa, tanto no que diz respeito à representação espacial do teatro em si, quanto à apresentação dos atores. A câmera era fixa e ressaltava o ponto de vista do espectador. As primeiras produções cinematográficas eram bastante curtas e esgotavam toda a ação num único plano. Machado (2011, p. 76) identifica como específico o sistema de representação desse período, que deriva especialmente das formas populares de cultura da Idade Média e não tanto das formas artísticas mais eruditas como teatro, ópera ou literatura dos séculos

³ O desenvolvimento dos grandes estúdios proporcionou o surgimento do *star system*, um sistema de ‘fabricação’ de estrelas quem encantam as plateias. Começam a surgir os grandes nomes do cinema como Ramon Novarro, que interpretou Ben Hur em 1925 e, Charlton Heston, em 1959.



ANAIS DO II SEMINÁRIO NACIONAL CINEMA EM PERSPECTIVA

Volume 1, Número 1. Curitiba: UNESPAR/FAP, 2013.

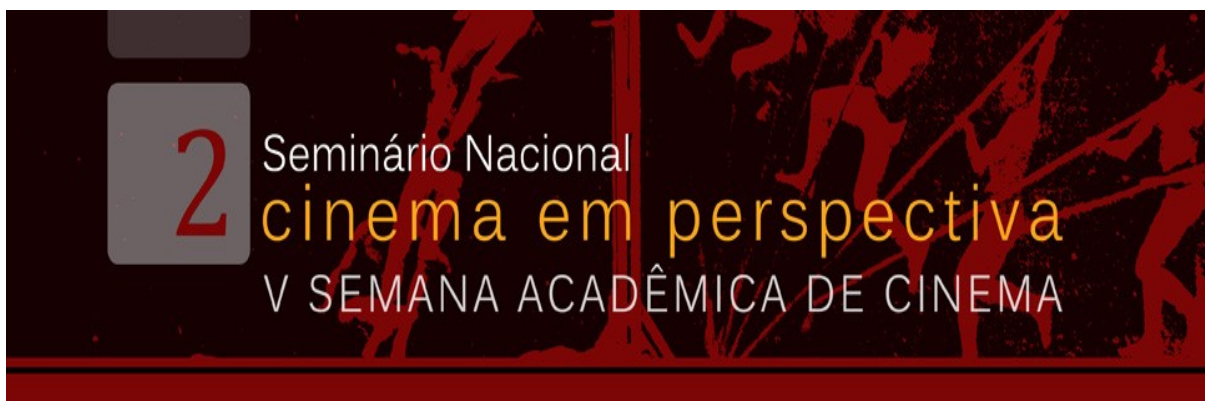
ISSN 2317-8930

XVIII e XIX. Não é à toa que muitos teóricos chamam os filmes produzidos nos primeiros anos do cinema de “teatro filmado”⁴. O desenvolvimento dos movimentos de câmera e de outros recursos possibilitou que a organização da cena ultrapassasse o espaço do palco do teatro. A partir daí, o ponto e vista da câmera se alterou e não era mais aquele do espectador dos bancos do teatro. Essa tendência foi teorizada por André Bazin, quando fez a comparação entre o quadro da pintura e o ‘quadro’ do cinema. “O quadro é centrípeto, a tela é centrífuga” (BAZIN apud XAVIER, 2012, p.20). Com essa inovação, o desenvolvimento do movimento, a câmera podia agora ‘andar’ além do quadro fixo e se posicionar em diferentes lugares direcionando o espectador para diferentes olhares. “[...] o movimento da câmera reforça a impressão de que há um mundo do lado de lá, que existe, independentemente da câmera em continuidade ao espaço da imagem percebida.” (XAVIER, 2012, p. 22).

Na primeira versão do filme podemos perceber nitidamente o que queria dizer teatro filmado: não há decupagem das cenas – estas se apresentam em visão frontal, com os atores aparecendo quase que de corpo inteiro e gesticulando como se estivessem representando no teatro. Machado (2011, p.76) explica que na verdade, o cinema dos primórdios ia buscar nos espetáculos populares não apenas a inspiração e os modelos de representação, mas até mesmo os seus figurantes.

O que caracterizava o primeiro cinema era o ato de tudo ser colocado de forma simultânea dentro do quadro e o que nos chama a atenção para a experiência desse primeiro cinema é justamente o fato de os filmes terem sido mercadorias incompletas, que dependiam de performances ao vivo e podiam envolver, neste sentido, grande margem de improvisação e imprevisibilidade (COSTA, 2008, P. 107).

⁴ XAVIER, Ismail. *O Discurso Cinematográfico: a opacidade e a transparência*, p. 20.



ANAIS DO II SEMINÁRIO NACIONAL CINEMA EM PERSPECTIVA

Volume 1, Número 1. Curitiba: UNESPAR/FAP, 2013.

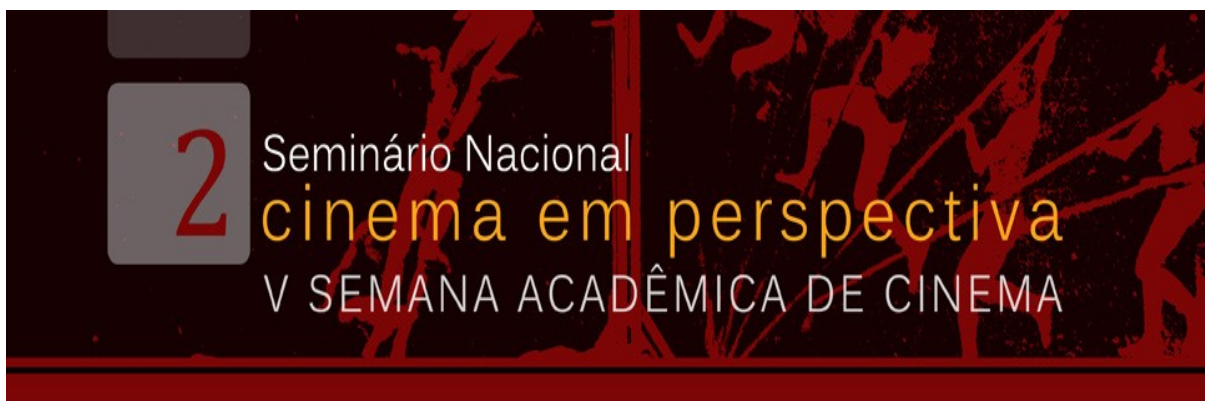
ISSN 2317-8930

O cinema não se apropriou apenas dos princípios dramáticos do teatro, do gestual e da vontade de emocionar seu público, mas com a passar do tempo foi descobrindo e aperfeiçoando novas tecnologias a favor dessa nova arte. Talvez a maior diferença entre essas duas expressões de arte seja a configuração da cena, que no cinema nos possibilita diversos e diferentes enquadramentos, enquanto que no teatro só temos o ponto de vista do espectador. Essa mobilidade dos pontos de vista proporcionada pela câmera cinematográfica veio a acrescentar e diferenciar o cinema do teatro.

Embora *Ben Hur* tenha sido produzido na fase do primeiro cinema e tenha muitas das características dele, apresenta também muitas das preocupações dos cineastas da época que já estavam começando a desenvolver a linguagem cinematográfica nos termos que conhecemos. Interessante constatar em *Ben Hur* justamente essa fronteira entre o primeiro cinema e a sistematização da gramática fílmica consagrada por D.W. Griffith⁵. Responsável por reunir todas as inovações do cinema desde suas primeiras exibições, Griffith foi o primeiro a usar essas inovações de maneira sistematizada. Nascia então a decupagem clássica - principal característica do cinema americano -, assim entendida como um conjunto de procedimentos que em por objetivo diminuir ou até mesmo eliminar a descontinuidade na produção de um filme.

A descontinuidade, principal característica do cinema, podia ser 'mascarada' através da montagem, onde agora era possível eliminar cenas que não deram certo, unir e organizar as cenas em sequência. A decupagem veio garantir que a ação transcorresse sem interrupções, permitindo uma narrativa mais suave e próxima do natural. Graças à bagagem fílmica que

⁵ Segundo Ismail Xavier em seu livro *D.W.Griffith* (Editora Brasiliense, 1984) – Griffith era considerado pai do cinema narrativo clássico. Realizou mais de 400 curta metragens entre 1908 e 1913.



ANAIS DO II SEMINÁRIO NACIONAL CINEMA EM PERSPECTIVA

Volume 1, Número 1. Curitiba: UNESPAR/FAP, 2013.

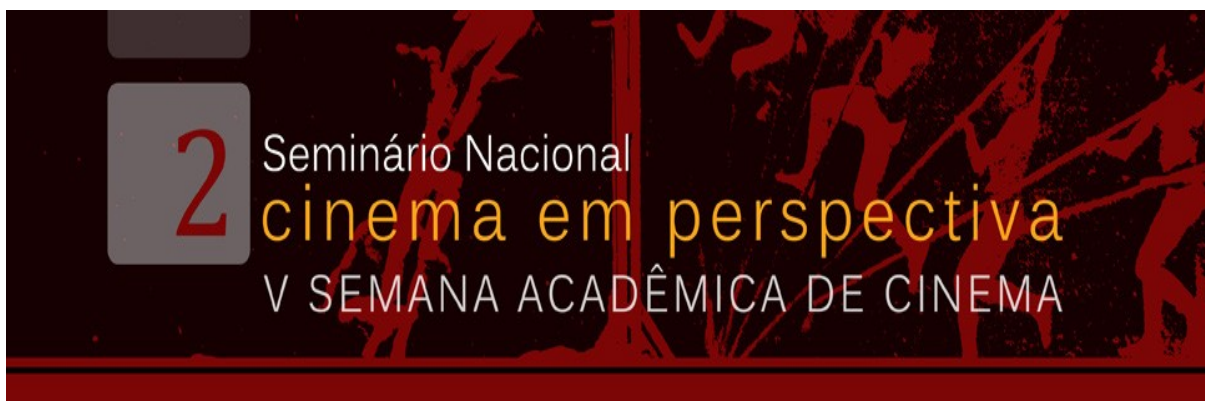
ISSN 2317-8930

possuímos e sob nosso olhar contemporâneo aliado ao avanço tecnológico, a montagem fílmica nos aparece com maior fluidez e naturalidade, o que não acontecia no início do século pois o público era outro. Talvez seja esse o motivo pelo qual é muito mais fácil para nós, hoje, percebermos os cortes e montagens nos primeiros experimentos do cinema.

No princípio os filmes que eram exibidos nas feiras eram aqueles que reproduziam paisagens externas e ações do cotidiano quase que exclusivamente de caráter documentário, como cenas urbanas, as multidões, desfiles de autoridades, pessoas trabalhando e se divertindo, entre outras cotidianidades. Enquanto isso, na Europa, já estavam sendo produzidos outros tipos de filmes como aqueles que mostravam números de magia, *gags* burlescas, encenações de canções populares e contos de fada. Como se sabe, nos primeiros anos do cinema era a Pathé francesa quem dominava o mercado internacional. “As feiras deste período funcionavam como um mostruário espetacular das maravilhas tecnológicas que o novo século prometia” (COSTA, 2008, p. 29). Os primeiros filmes produzidos para cinema tinham um caráter de espetáculo popular e não eram considerados como diversões sofisticadas e muito menos encaradas como formas narrativas construídas segundo o modelo das artes nobres da época.

Arlindo Machado nos explica que os filmes que consideramos mais típicos do primeiro período eram compostos de uma série de quadros autônomos, separados uns dos outros por intertítulos, que explicavam a cena seguinte.

Os intertítulos, é preciso dizer, constituíam um recurso praticamente inútil nos primeiros anos, pois o público dos vaudevilles, na sua maioria esmagadora, era analfabeto. Os intertítulos só vão ganhar sentido no corpo do filme muito mais tarde, quando o cinema



ANAIS DO II SEMINÁRIO NACIONAL CINEMA EM PERSPECTIVA

Volume 1, Número 1. Curitiba: UNESPAR/FAP, 2013.

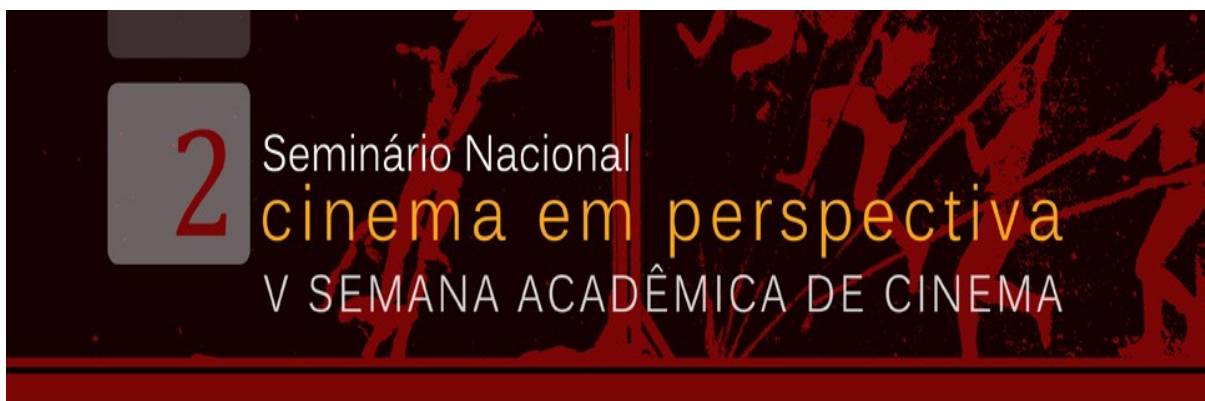
ISSN 2317-8930

começar realmente a cobiçar o teatro, ocasião em que permitirão colocar diálogos na boca dos atores. (MACHADO, p. 90, 2010)

As entradas e saídas dos atores eram laterais, também como no teatro. As características desses primeiros filmes eram a frontalidade, a imobilidade da câmera e a constante repetição dos mesmos enquadramentos. À medida que a tecnologia avançava, os diretores começaram a produzir filmes mais longos, muitas vezes recorrendo à literatura em busca de inspiração. Mais uma vez aqui, *Ben Hur* é importante para ilustrar como o filme produzido no início do século XX foi inspirado e adaptado de uma obra literária, que foi *best seller* na época em que foi escrito.

O cinema dos primórdios é até hoje mal interpretado, muitas vezes sendo estereotipado como sendo uma produção ingênua e até mesmo primitiva, a começar pela própria terminologia de cinema mudo ou silencioso. “O termo ‘mudo’ aponta para uma ausência que, na verdade, não tinha razão de ser. Não se ia ao ‘cinema mudo’; ia-se ao ‘cinema’.” (JULLIER & MARIE, 2009, p. 74). É claro que não haviam diálogos audíveis dos atores, mas isso era devido a uma limitação tecnológica da época, mas que seria solucionada anos mais tarde, sobretudo porque já estavam sendo realizadas experimentações com o som.

O Primeiro Cinema não era mudo, pelo contrário, ouviam-se sons, muitos sons: pianistas ou orquestras tocando, em alguns casos haviam os animadores que explicavam os filmes e havia também a conversa da plateia, dos espectadores. Não podemos esquecer que estamos falando do começo do século XX e na maior parte do tempo o cinema representava o que se podia obter de mais adaptado às necessidades artísticas daquela época. O espectador contemporâneo pode até achar fora de moda ou ultrapassado o aspecto visual dos primeiros



ANAIS DO II SEMINÁRIO NACIONAL CINEMA EM PERSPECTIVA

Volume 1, Número 1. Curitiba: UNESPAR/FAP, 2013.

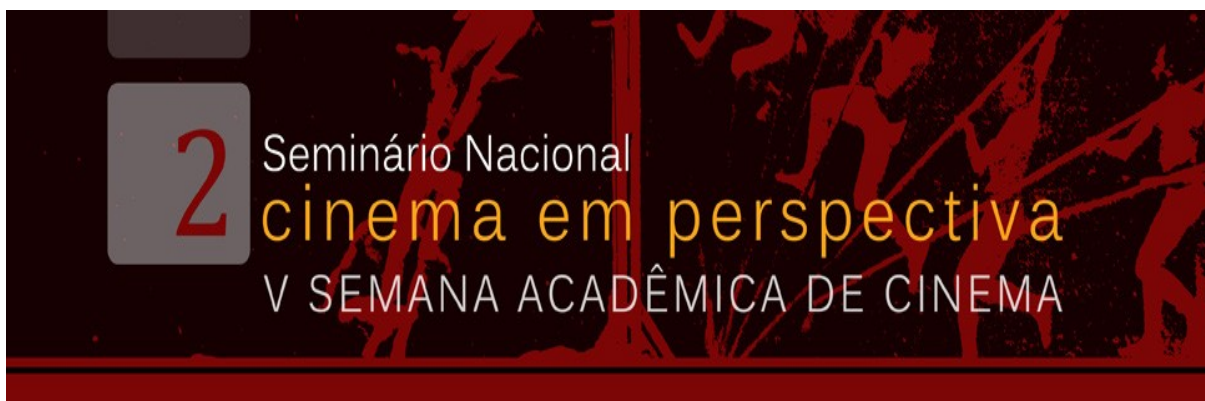
ISSN 2317-8930

filmes, mas isso não significa que era uma produção de pouca qualidade, “ela não revela nenhum ‘erro’, mas sim escolhas estéticas que agradavam antigamente”. (JULLIER & MARIE, 2009, p. 74).

Foram centenas as produções na primeira década da história do cinema, mas muito desse material foi perdido devido à falta de conservação adequada e até mesmo pela falta de importância que esse material tinha por parte dos produtores daquela época. O material que temos disponível atualmente desse período é de pouca qualidade de conservação, mesmo assim de suma importância para a história do cinema mundial. Muito desse material está disponível online e é de domínio público.

Ben Hur também foi muito importante por outro aspecto: serviu de precedente para a Lei de Direitos Autorais. A adaptação fílmica foi feita sem a permissão do espólio do autor, o que era bastante comum naquela época. Como resultado dessa produção, o espólio de Lewis Wallace (falecido apenas dois anos antes do lançamento do filme em cinema) entrou com uma ação contra Kalem Studios e Motion Picture Patents por violação de direitos autorais. A Suprema Corte Americana deu ganho de causa aos herdeiros do autor em 1911. A decisão criou o precedente onde, a partir daquela data, todas as empresas de produção cinematográfica deveriam assegurar primeiro os direitos de filmagem junto aos autores ou seus herdeiros antes de encomendar um roteiro baseado nesse trabalho.

Na metade da primeira década do século XX, o primeiro cinema começa a passar por uma transformação: de um lado o público começava a ficar mais exigente e, do outro, os produtores começavam a se preocupar em desenvolver uma linguagem própria – a narrativa cinematográfica. O público começava agora ser domesticado pelas formas de representação e



ANAIS DO II SEMINÁRIO NACIONAL CINEMA EM PERSPECTIVA

Volume 1, Número 1. Curitiba: UNESPAR/FAP, 2013.

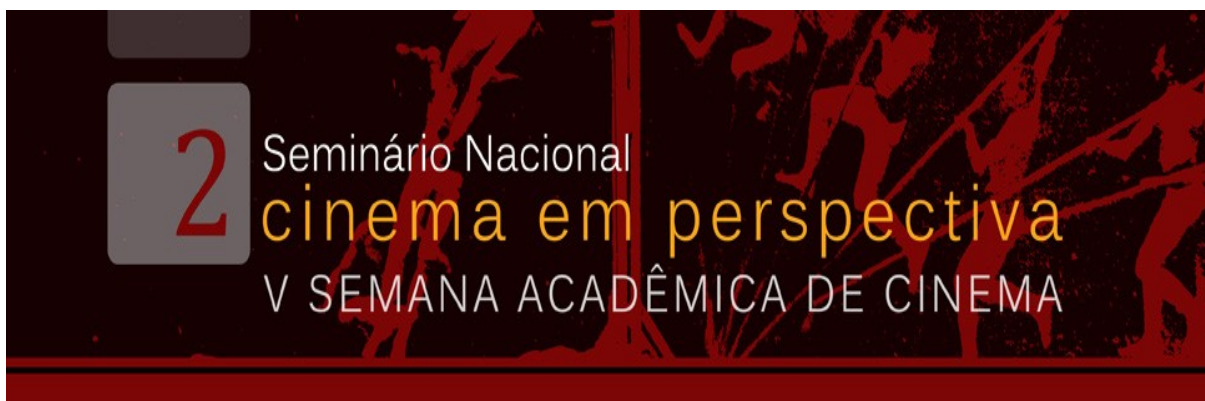
ISSN 2317-8930

exibição dos filmes, a desenvolver uma forma de percepção diferenciada, uma maneira de entender a narrativa.

Inventado e domesticado o cinema começava a inquietar a mente dos apaixonados pela nova arte, que buscavam incessantemente aplicar novas ideias e criar novidades. Mas não foi somente o cinema que evoluiu, o público também estava começando a ficar mais exigente, e isso também contribui, em parte, para as grandes descobertas e inovações dessa nova expressão de arte. Mas o cinema ainda estava apenas começando a se tornar popular e muita coisa ainda estava por vir. A maneira de fazer cinema vinha se aperfeiçoando a cada dia e essas inovações, mais tarde, poderiam ser vistas no *remake* de 1925.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da sua reprodução técnica. In **Magia e e técnica**, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987



ANAIS DO II SEMINÁRIO NACIONAL CINEMA EM PERSPECTIVA

Volume 1, Número 1. Curitiba: UNESPAR/FAP, 2013.

ISSN 2317-8930

COSTA, Flávia Cesarino. **O primeiro cinema**: espetáculo, narração, domesticação. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2008.

JULLIER, Laurent. **Lendo as imagens do cinema** / Laurent Jullier e Michel Marie: tradução de Magda Lopes. – São Paulo : Editora SENAC de São Paulo, 2009.

MACHADO, Arlindo, **Pré-cinema & pós-cinema** – 6ª. Ed. – Campinas, SP: Papyrus, 2011.

XAVIER, Ismail, **O cinema no século** – Rio de Janeiro: Imago Ed. 1996.

XAVIER, Ismail, **O discurso Cinematográfico: a opacidade e a transparência** – Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2012.

WALLACE, Lewis. **Ben Hur – uma história dos tempos de Cristo**. Editora Martin Claret, 2006.

Filme Ben Hur, de 1907 – disponível Youtube